

**ESPETÁCULO “VAI FAZER O QUÊ?”: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO.**

***Patrícia Gomes Pereira***

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Lazer, criação, espectador.

Esta comunicação desenvolve uma reflexão sobre o processo de criação do espetáculo “Vai fazer o quê?”<sup>1</sup>, realizado por integrantes da Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ. O trabalho se constrói pela pesquisa coreográfica focada numa linguagem contemporânea que investiga questões sobre o tempo livre, acesso aos bens culturais, a tensão entre controle e liberdade, o sujeito e sua relação com seu lazer. Participei deste processo como diretora-coreógrafa e compartilhei a interpretação com cinco bailarinos.

A PROPOSTA CÊNICA

O grupo de pesquisa ANIMA<sup>2</sup>, do qual participo, investiga o campo do lazer como um de seus objetos de estudo. Foram as discussões realizadas neste grupo de pesquisa que motivaram a construção de uma obra coreográfica que tratasse de questões pertinentes a essa temática, tendo em vista a atualidade e importância do tema para refletir sobre relações do homem na sociedade contemporânea.

“Vai fazer o quê?” propõe uma reflexão sobre a utilização do tempo de lazer, que se dá no tempo livre das obrigações profissionais, domésticas e religiosas. Enfim, um tempo em que o indivíduo escolhe, mesmo que de modo limitado, o que e quando fazer.

Portanto, quando nos referimos aos momentos de lazer, estamos falando de um tempo de maior liberdade, tempo que privilegia o prazer, o encontro, a formação e transformação do sujeito, tempo de reencantamento da vida. Por outro lado, esses momentos podem ser utilizados numa perspectiva de controle e alienação. Em tempos de globalização em que hábitos e gostos são muito influenciados pela indústria cultural e muitas vezes com objetivos exclusivamente comerciais, questionamos até que ponto o tempo livre é de fato livre, no sentido de escolhas e acesso aos bens culturais. Dar um tratamento poético a certas questões ligadas ao universo do lazer foi o desafio da pesquisa.

Cenicamente utilizamos o boneco João teimoso. Como metáfora trabalhamos com este boneco que sempre volta à mesma posição, que só se move por vontade alheia. Ao mesmo tempo em que o boneco representa para nós o indivíduo que não faz nada, ou que só faz as mesmas coisas, ou ainda aquele que se permite o tempo todo ser manipulado, ele também representa o indivíduo que sofre, que é maltratado, que não tem possibilidade de escolha. Só lhe é permitido, e quando é, trabalhar, reproduzindo modos já estabelecidos. Mas mesmo nessa circunstância ele resiste, ele se

mantém de pé, e quando é estimulado a vivenciar diferentes experiências, ampliando os canais sensíveis, há a possibilidade de olhar o mundo de forma crítica e gritar por melhores qualidades de vida.

## A CRIAÇÃO

Uma questão lançada aos intérpretes norteou os primeiros laboratórios de criação: O que você faz no seu tempo livre?

O resultado dos laboratórios iniciais não foi muito bom. Poucas idéias surgiram através do movimento. A proposta não entusiasmou o grupo, visto que não a consideraram como um tema instigante a tratar. O impasse refletia mais do que o entendimento de um grupo específico, revelando um preconceito cultural sobre o tema. O lazer, por muito tempo, foi considerado algo sem importância, até mesmo no universo acadêmico, relegado ao segundo plano, não merecedor de reflexões críticas sobre seus sentidos e significados para a sociedade.

Tendo em vista esse desinteresse, identifiquei a necessidade de aprofundar teoricamente a temática com o elenco. Discutimos alguns textos<sup>3</sup>, vimos alguns filmes e nos preocupamos em prestar mais atenção em nós mesmos e nos outros nos momentos de lazer, buscando um olhar mais crítico e sensível para o nosso cotidiano.

Outros questionamentos surgiram: valorizamos nosso tempo livre tal como valorizamos nosso tempo de trabalho? Qual o valor que a nossa sociedade atribui a essas dimensões essenciais à vida? Diversificamos nossas atividades de lazer ou sempre fazemos as mesmas coisas? Como é o acesso da população aos bens culturais?

Para responder essas questões foi importante entender como o conceito de lazer foi construído historicamente e o seu significado na sociedade atual.

O lazer é um fenômeno social moderno surgido com a artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção fabril desenvolvido a partir da Revolução Industrial (...) o lazer tem se mostrado um campo de tensões, já que um tempo livre maior surge não como concessão dos donos dos meios de produção, mas sim como conquista das organizações das classes trabalhadoras. Nesse processo, a burguesia entabula iniciativas de controle e de obtenção direta e indireta de lucros, na mesma medida em que os trabalhadores entabulam resistências possíveis. (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003: 29).

Com o aprofundamento teórico da temática, a proposta tornou-se mais envolvente e diversas reflexões sobre a importância do lazer e os conflitos que a envolvem surgiram. Nessa fase foi preciso fazer um recorte, delimitando as idéias para explorar cenicamente. Selecionamos as seguintes:

- \* Relação entre trabalho e lazer.
- \* Tensão entre controle e liberdade.
- \* Utilização do tempo livre numa perspectiva de alienação e de crescimento do sujeito.
- \* Ocupação e acesso dos espaços de lazer urbano.

Para desenvolver essas idéias exploramos alguns conteúdos nas aulas de técnica de dança contemporânea, nos laboratórios corporais analíticos e improvisações<sup>4</sup> para a construção de partituras de movimentos, tais como:

- 1- Movimentos focalizando a nuance entre tensão e relaxamento da musculatura.
- 2- Movimentos realizados em fluxo contínuo e interrompido.
- 3- Trajetórias retilíneas e curvilíneas
- 4- Olhar direcionado e olhar periférico
- 5- Equilíbrio e desequilíbrio
- 6- Relações de peso e leveza
- 7- Ação e reação (em relação ao corpo do outro e em relação ao boneco. Reação de modo passivo e com resistência parcial e total)
- 8- Contatos e apoios ( em relação ao corpo do outro e em relação corpo - boneco.)

Alguns intérpretes tinham mais afinidades com movimentos realizados com intensidade forte, outros com intensidade suave, outros com trajetórias mais circulares e outros com trajetórias retilíneas. Como todos trabalharam com as diversas nuances de movimentos, foi preciso um trabalho intenso para apropriação em cada corpo dessas diferentes qualidades. Também foi importante buscar uma boa relação do corpo com o objeto cênico, que ora se dava a partir de uma manipulação-controle sutil e, ou agressivo, ora numa relação de envolvimento e encantamento.

Criamos alguns blocos de cenas a partir das idéias comentadas anteriormente e depois investimos nas ligações entre elas traçando um fio condutor. No processo chegamos à conclusão sobre o que há de mais importante nos momentos de lazer deveria atravessar a obra, fazendo uso das palavras de José Guilherme: “o encontro, a troca, o reforço dos vínculos de sociabilidade” (MAGNANI, 2003:13).

### PENSANDO NO ESPECTADOR

Desde o processo de criação pensar no espectador foi uma preocupação da equipe de trabalho. Buscamos com a nossa arte promover um diálogo entre obra e público. Para esse diálogo é fundamental que as nossas idéias cheguem ao espectador, que ele se sinta envolvido pela obra, que consiga estabelecer algum sentido ao que vê.

Outra questão que refletimos no processo foi que a nossa obra destinava-se principalmente ao espectador comum, quero dizer, àquele que não estuda em espaços convencionais de dança, que não dominam necessariamente os códigos dessa linguagem. O que não significa que a obra teria que ser banal, de fácil percepção.

Pensamos na criação em evitar que uma cena se prolongasse demais, a ponto do espectador perder o interesse pelo que vê, evitar que idéias se repetissem sem propósito e também evitar a entrega gratuita das idéias que desejávamos tratar, ou seja, de modo óbvio. Por outro lado, foi importante pensar em mobilizar a atenção do espectador ao longo do espetáculo, lançando diferentes idéias a cada cena, de modo a motivá-lo acompanhar e estabelecer conexões entre as mesmas.

Tivemos como desafio capturar o espectador, ao ponto dele sentir prazer em apreciar nossa dança, que esse momento fosse para ele tanto de diversão como de reflexão sobre certas questões da vida.

Todo esse cuidado não significa que acertamos, mas vale ressaltar que tivemos essa intenção e preocupação durante o processo. Pensar o que e para quem estamos criando fez parte das nossas reflexões. Quanto ao resultado, só o público pode responder sobre a eficácia do que foi feito, sobre a coerência da proposta, da relação entre a idéia e o produto gerado.

“Vai fazer o quê?” estreou em novembro de 2007 no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro<sup>5</sup>. Da estréia até o momento, já fizemos algumas mudanças no espetáculo motivadas pelas reflexões dos intérpretes-criadores ao analisarem a reação imediata do público, os comentários de espectadores em alguns debates que ocorreram após a apresentação e as sugestões de amigos que assistiram o trabalho.

No segundo semestre deste ano daremos continuidade às apresentações e aplicaremos alguns instrumentos de análise para avaliar a recepção da obra. Desta forma, investigaremos como o público reage ao espetáculo e identificaremos alguns parâmetros que nos servirão para as futuras criações. O que buscamos são referenciais que nos ajudem a pensar a criação, mesmo sabendo que cada processo é único, e que sempre surgirão novas descobertas. Despertar o interesse do público com a nossa arte é uma meta em qualquer processo. Nesta perspectiva que desenvolvemos o trabalho no sentido de promover uma aproximação dos espectadores dos palcos da dança.

#### BIBLIOGRAFIA

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MELO, Victor Andrade & ALVES JUNIOR, Edmundo de Drumond. **Introdução ao estudo do lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

<sup>1</sup> **Concepção, direção e coreografia** Patrícia Pereira **Consultoria temática** Grupo de pesquisa ANIMA **Colaboração artística e ensaiadora** Lidia Larangeira **Intérpretes-criadores** Patrícia Pereira, Vivian Vieira, Shirlene Paixão, Luciana Lima, Malcolm Matheus e Bárbara Barros **Colaboração na criação da cena 2** Elisa Quintanilha **Iluminação** José Geraldo Furtado **Figurino** Danielle Deo Cardoso **Produção** Dora de Andrade **Assistente de produção** Nathália Martins **Trilha sonora** Carlos Bernardo e Murilo O' Reilly **Programação Visual:** Elisa Quintanilha **Preparação Corporal:** Vivian Vieira e Patrícia Pereira **Fotos** Marco Fernandes

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa “Anima”: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais, coordenado pelo Prof. Dr. Victor Andrade de Melo. Maiores informações sobre o ANIMA podem ser obtidas em: [www.grupoanima.org](http://www.grupoanima.org)

<sup>3</sup> Foram discutidos textos dos autores: Victor Mello, Edmundo Dtummond, José Guilherme Cantor Magnani e Domenico De Masi. Dentre os filmes apreciados destacam-se: Tempos Modernos de Charles Chaplin Farenheit 451 de François Truffaut e Faixa de Areia de Daniela Kallmann e Flávia Lins e Silva.

<sup>4</sup> As nossas práticas corporais têm como base os Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp e no Sistema Laban.

<sup>5</sup> Depois da estréia o espetáculo seguiu para temporadas no Teatro Cacilda Becker / RJ em dezembro de 2007, Teatro do SESI Rio em março de 2008, Teatro do SESC Tijuca em abril de 2008 em evento comemorativo ao Dia Internacional da Dança e Teatro do SESC de São João de Meriti em julho de 2008. O espetáculo foi apresentado ainda no evento Oficina da Cena no Festival Internacional de Teatro de Palco e Rua - FIT – BH em junho de 2008.